

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/346630288>

Perspectivas contemporâneas da Folkcomunicação

Chapter · January 2020

CITATIONS

2

READS

67

2 authors:



Marcelo Pires de Oliveira
Universidade Estadual de Santa Cruz

9 PUBLICATIONS 6 CITATIONS

SEE PROFILE



Marcelo Sabbatini
Federal University of Pernambuco

78 PUBLICATIONS 87 CITATIONS

SEE PROFILE



DESAFIOS DA COMUNICAÇÃO EM TEMPO DE PANDEMIA

UM MUNDO E MUITAS VOZES

NAIR PRATA
SÔNIA JACONI
GENIO NASCIMENTO
(organizadores)



INTERCOM

DIRETORIA EXECUTIVA INTERCOM 2020-2023

Presidente: Giovandro Marcus Ferreira

Vice-Presidente: Juliano Mendonça Domingues da Silva

Diretor Editorial: Felipe Pena de Oliveira

Diretor Financeiro: Marcelo Briseno Marques de Melo

Diretora Administrativa: Adriana Cristina Omena dos Santos

Diretora de Relações Internacionais: José Edgard Rebouças

Diretor Cultural: Ariane Carla Pereira Fernandes

Diretora de Documentação: Ivanise Hilbig de Andrade

Diretora de Projetos: Sonia Maria Ribeiro Jaconi

Diretora Científica: Nair Prata Moreira Martins

Diretoria Regional Norte: Tatiane Hilgemberg Figueiredo

Diretoria Regional Nordeste: Norma M. Meireles Macêdo Mafaldo

Diretoria Regional Centro-Oeste: Luãn José Vaz Chagas

Diretoria Regional Sul: Cristiane Finger Costa

Diretoria Regional Sudeste: Franco Dani Araújo e Pinto

CONSELHO EDITORIAL DA INTERCOM

Presidente do Conselho: Giovandro Marcus Ferreira (UFBA)

Allysson Viana Martins (Unir)

Ana Cláudia Gruszynski (UFRGS)

Ana Regina Barros Rego Leal (UFPI)

Ana Sílvia Lopes D. Médola (Unesp)

Antonio Carlos Hohlfeldt (PUCRS)

Bruno Guimarães Martins (UFMG)

Cicilia M. Krohling Peruzzo (Uerj)

Dario Brito Rocha Júnior (Unicap)

Eduardo B. Vianna Meditsch (UFSC)

Erick Felinto de Oliveira (Uerj)

Eula Dantas Taveira Cabral (FCRB)

Fernando Oliveira Paulino (UnB)

Francisco Machado Filho (Unesp)

Iluska M. da Silva Coutinho (UFJF)

Izani Pibernat Mustafá (UFMA)

Joaquim Paulo Serra (UBI, Por.)

Luiz Claudio Martino (UnB)

Margarida M. Krohling Kunsch (USP)

Margarita Ledo Andión (USC, Gal.)

Maria Ataíde Malcher (UFPA)

Maria Cristina Gobbi (Unesp)

Maria Érica de Oliveira Lima (UFC)

Maria Immacolata V. de Lopes (USP)

Marialva Carlos Barbosa (UFRJ)

Nair Prata Moreira Martins (Ufop)

Nélia Rodrigues Del Bianco (UnB)

Patrícia Gonçalves Saldanha (UFF)

Pedro Gilberto Gomes (Unisinos)

Raquel Paiva de A. Soares (UFRJ)

Raúl Fuentes Navarro (Iteso, Mex)

Roseli Fígaro Paulino (USP)

Sandra L. A. de Assis Reimao (USP)

Sérgio Augusto S. Mattos (UFRB)

Simone Antoniaci Tuzzo (UFG)

Sônia Caldas Pessoa (UFMG)

Vanessa Cardozo Brandão (UFMG)

DESAFIOS DA
COMUNICAÇÃO
EM TEMPO DE
P A N D E M I A
UM MUNDO E MUITAS VOZES

NAIR PRATA
SÔNIA JACONI
GENIO NASCIMENTO
(ORGANIZADORES)

São Paulo
INTERCOM
2020

Desafios da comunicação em tempo de pandemia: um mundo e muitas vozes | 1ª edição

Copyright © 2020 dos autores dos textos, cedidos para esta edição à Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - Intercom

Organização

Nair Prata, Sônia Jaconi e Genio Nascimento

Projeto gráfico, diagramação e capa

Gênio Editorial - genioeditorial.com

Ficha Catalográfica

Desafios da comunicação em tempo de pandemia: um mundo e muitas vozes

[recurso eletrônico] / Nair Prata, Sônia Jaconi e Genio Nascimento (orgs). São Paulo: INTERCOM, 2020, 461 p.:il.

Inclui bibliografias.

E-book.

ISBN 978-65-990485-2-4

1. Comunicação. 2. Interdisciplinar. 3. Pandemia. 4. Grupos de Pesquisa Intercom. 5. Brasil. I. Prata, Nair (org.). II. Jaconi, Sônia (org.). III. Nascimento, Genio (org.).

CDD: 659

Todos os direitos desta edição reservados à:

Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação- Intercom

Avenida Brigadeiro Luís Antonio, 2050 - conjunto 36 - Bela Vista

CEP 01318-002 - São Paulo - SP

Tel.: (11) 3892 7558

Site: portalintercom.org.br - E-mail: secretaria@intercom.org.br

SUMÁRIO

Prefácio	9
<i>Margarida M. Krohling Kunsch</i>	
Apresentação	15
<i>Nair Prata, Sônia Jaconi e Genio Nascimento</i>	
Um mundo e muitas vozes: da utopia à distopia?	23
<i>Giovandro Ferreira e Nair Prata</i>	
Os desafios da Comunicação Gerencial no mundo em transformação	44
<i>Raphael Cortezão e Sônia Jaconi</i>	
Jornalismo em tempos de pandemia e autoritarismo	69
<i>Felipe Pena e Monica Martinez</i>	
Flagelo dos corpos: a pandemia e o agravamento das precariedades	87
<i>Sônia Caldas Pessoa e Carlos Magno Camargos Mendonça</i>	

Performances em rede durante a pandemia de Covid-19: presença e nostalgia no isolamento social	112
<i>Danielly Bezerra, Gabriela Almeida, Jorge Cardoso Filho, Luciana Oliveira e Thiago Soares</i>	
Utopias e Distopias do Trabalho Digital: diálogo com Rafael Grohmann	126
<i>Rafael Grohmann, Willian Fernandes Araújo, Beatriz Polivanov, Caio Cesar G. Oliveira</i>	
Fake news, mídias sociais e religião	145
<i>Alexandre Brasil Fonseca, Juliana Dias e Priscila Vieira-Souza</i>	
A mediação segundo a Economia Política da Comunicação	171
<i>Verlane Aragão Santos, César Bolaño, Manoel Dourado Bastos e Anderson David Gomes dos Santos</i>	
Os sons que ecoam em tempos de pandemia - Estudos iniciais dos pesquisadores do GP Comunicação, Música e Entretenimento sobre as mudanças no universo do som e da música em decorrência da Covid-19	193
<i>Nadja Vladi Gumes, Adriana Amaral, Jeder Janotti Jr., Marcelo Bergamin Conter, Mario Arruda, Micael Herschmann, Simone Pereira de Sá, Thiago Soares, Tobias Queiroz e Victor de Almeida Nobre Pires</i>	
As múltiplas missões do rádio na crise da Covid-19	213
<i>Marcelo Kischinhevsky, Debora Cristina Lopez, Luiz Artur Ferraretto, Valci Zuculoto e Fernando Morgado</i>	
Polifonia e Alteridade: Comunicação e Educação em época de pandemia da Covid-19	233
<i>Rose Mara Pinheiro e Ana Luísa Zaniboni Gomes</i>	
Perspectivas Contemporâneas da Folkcomunicação	246
<i>Marcelo Pires de Oliveira e Marcelo Sabbatini</i>	

A (re)-invenção do telejornalismo em tempos de pandemia 266
Flávio Porcello, Edna Mello, Ariane Pereira, Cárlida Emerim, Cristiane Finger e Iluska Coutinho

Esporte, Olimpíadas e Paralimpíadas: entre utopias e distopias 280
Rafael Duarte Oliveira Venancio e Tatiane Hilgemberg

O Café Intercom e as safras comunicacionais de José Marques de Melo 300
Eliane Mergulhão e Rodrigo Gabrioti

O Fim do Cinema? A Reconfiguração do Circuito Cinematográfico sob a Pandemia 316
Luíza Alvim, Luíza Lusvardi, Pedro Butcher e Talitha Ferraz

A escassez dos recursos de comunicação em diferentes escalas – A utopia de um país conectado na pandemia de 2020 339
Sonia Virgínia Moreira, Nélia Rodrigues Del Bianco e Jacqueline da Silva Deolindo

A pesquisa de televisão e televisualidades na Intercom: continuidades, rupturas e perspectivas 358
Bruno de Souza Leal, Carlos Eduardo Marquioni e Gustavo Daudt Fischer

Comunicação para a Cidadania em tempos de Covid-19 374
Cicilia M. Krohling Peruzzo, Rozinaldo Antonio Miani, Denise Teresinha da Silva, Cláudia Regina Lahni, Patrícia Gonçalves Saldanha, Pablo Nabarrete Bastos e Suelen de Aguiar Silva

Entre bytes e vírus: as mídias na pandemia 401
Ana Claudia Munari Domingos, Antonio Hohlfeldt, Cristiane Finger, Juliana Tonin e Mágda Rodrigues da Cunha

Sobre os autores 432

PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS DA FOLKCOMUNICAÇÃO

MARCELO PIRES DE OLIVEIRA E MARCELO SABBATINI

Este texto é resultado de uma entrevista realizada pelo Prof. Marcelo Sabbatini, vice-coordenador do GP Folkcomunicação, mídia e interculturalidade, com o Prof. Marcelo Pires, em 11 de junho de 2020.

Marcelo Sabbatini: Olá a todos, espero que estejam todos protegidos e bem, em casa, para iniciarmos mais esta live, agradecendo a INTERCOM pelo espaço e pela oportunidade. Terei como entrevistado meu xará Marcelo Pires, companheiro de longa data. Quando cheguei na Folkcomunicação ele já estava lá e convivemos na Rede Folkcom, primeiro ele como secretário e logo como presidente, quando levou a Conferência Brasileira de Folkcomunicação para Ilhéus, Bahia, onde agora é professor. Ou seja, uma pessoa com amplo conhecimento desta teoria e deste campo de pesquisa, alguém mais que indicado para representar o GP Folkcomunicação, Mídia e Interculturalidade da INTERCOM neste ciclo. Olá, Marcelo!

Marcelo Pires Oliveira: Boa tarde a todos e todas. Quero antes de iniciar agradecer o convite para fazer parte deste diálogo e desejo homenagear nesse momento ao Mestre, Professor José Marques de Melo, quem nos inspirou a realizar as pesquisas em Folkcomunicação. Também quero agradecer a minha amiga e professora Cristina Schmidt, que me apresentou à teoria da Folkcomunicação. E sem especificar muito as contribuições que tiveram na minha trajetória, desejo elencar algumas pessoas que me são caras: Osvaldo Trigueiro, Maria Érica de Oliveira, Betania Maciel, Beatriz Dornelles, Maria Cristina Gobbi, Antonio Holhfeldt, Severino Lucena, Luiz Custódio da Silva, Fábio Corniani, Guilherme Fernandes, Karina Janz Woitowicz, Sergio Gadini, Yuji Gushiken, Lawrenberg Advíncula, Cristian Aguilar, e você – meu amigo – Marcelo Sabbatini. Sem falar de muitos outros colegas e amigos que encontrei pelo caminho, em congressos, conferências e palestras sobre a Folkcomunicação. Boa noite a todos e todas.

MS: Considerando que temos uma audiência ampla, não limitada aos pesquisadores de nosso GP, você poderia apresentar brevemente o que é a teoria da Folkcomunicação? E falar da relevância dela, hoje?

MPO: A Folkcomunicação é uma teoria Brasileira pensada e formulada por Luiz Beltrão, jornalista, professor de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco e diretor do curso de Comunicação da Universidade de Brasília, onde buscou sua titulação de doutor. Sua tese é justamente a semente da teoria da Folkcomunicação.

Este nome foi dado pela junção de duas palavras – “folclore” e “comunicação”. Na época de Luiz Beltrão, no Brasil folclore se escrevia com “K”, e assim nasceu Folkcomunicação, também com “K”, como Joseph Luyten historiou. O que para muitos questionadores mais atuais da teoria foi motivo de estranhamento e crítica, pois parecia uma

submissão a uma língua estrangeira, uma americanização. Mas não, pois assim era grafado o termo até a reforma ortográfica de 1970. Mas o que me espanta, atualmente, é que as mesmas pessoas que criticam a nomenclatura utilizam no seu linguajar corriqueiro as palavras “live” ao invés de “transmissão ao vivo”, isso que estamos fazendo agora. Ou hambúrguer, para falar de um lanche, palavra que por sua vez também tem origem não portuguesa. Então esse tipo de crítica não cai bem para eruditos. Creio que existe, por outro lado, um preconceito e uma necessidade de marcar território, no campo das Ciências da Comunicação.

Mas a Folkcomunicação é uma teoria que já possui mais de 50 anos de existência e que possui já três ou quatro gerações de teóricos e pesquisadores que a utilizam em suas pesquisas; ela mostra-se muito pertinente e capaz de abarcar pesquisas dos mais variados temas, tendo, como possibilidade a análise do campo da Comunicação pelo viés da cultura popular. Ela parte do princípio de que o ser humano é um ser comunicacional e não são apenas os grandes veículos de massa que comunicam, mas que as classes não-hegemônicas, periféricas ou marginalizadas, segundo o termo consagrado por Beltrão, adotam seus próprios sistemas.

Importante notar aqui que apenas no Brasil observamos uma divisão entre “folclore” e “popular”. Em outros países a cultura popular é compreendida como toda a forma de manifestação cultural que venha das classes menos privilegiadas, independente de possuírem ou não uma longa tradição.

Assim, a Folkcomunicação é uma teoria e uma ferramenta para nos auxiliar a observar e analisar o mundo contemporâneo pelas lentes da cultura popular – essa cultura ampla, viva e operante que se transforma na mesma velocidade em que as pessoas e a sociedade também se transformam. Até mesmo quando falamos da cibercultura, há um espaço para a

cibercultura popular, como podemos observar pelos “memes” que proliferam pelas redes sociais.

A Folkcomunicação é, então, para concluir e resumir, uma teoria legitimamente brasileira da Comunicação que estuda como as manifestações desta cultura popular, que alguns chamam de folclore, influenciam e são influenciadas pelos meios de comunicação massivos. Investiga também quais são as estratégias, táticas e ferramentas que as classes populares utilizam para informar suas realidades, seja para seu próprio grupo ou seja para a sociedade mais ampla.

MS: Mais além do folclore e das tradições populares, quais são as expressões folkcomunicacionais que estão sendo estudadas?

MPO: Um primeiro ponto a considerar é que a Folkcomunicação, assim como o folclore, é algo vivo. E neste sentido encontramos críticas, equivocadas, de que o folclore é fechado, que ele é estanque, que é uma tradição que não pode ser modificada. Esquecendo-se que as pessoas que fazem o folclore, elas se atualizam continuamente.

Muitas pesquisas são feitas dentro do escopo da Folkcomunicação, entre elas podemos pensar na teledramaturgia como objeto – novelas, filmes e seriados –, em como ela se apodera e ressignifica os saberes populares ao apresentar seus enredos, seja através de histórias completas ou por meio de determinados personagens que encantam ao público. Temos aí como exemplo – Roque Santeiro, O Auto da Compadecida, Cordel Encantado, Hoje é Dia de Maria, O Homem que Desafiou o Diabo – entre outras produções.

Também há as apresentações folclóricas e as festas midiáticas, como o Carnaval, a Festa do Boi de Parintins, o São João, que agora se aproxima e que pela primeira vez assistiremos exclusivamente pela televisão ou pelas redes digitais. Podem ser entendidas como movimentos

folkcomunicacionais, pois são características da cultura popular e que serão ressignificadas neste momento, inclusive como forma de resistência.

Observamos o surgimento das mídias digitais, como o Facebook que tem muitos personagens folclóricos que são objeto de estudo. Um é o Bode Gaiato, que representa a essência popular nordestina e de seu humor ferino. O Whastapp também tem sido utilizado para a propagação da cultura popular, através de “memes” e fotos que são postadas nos mais diferentes grupos. Ou seja, a Folkcomunicação se mantém sempre atualizada, por tratar de que maneira a cultura popular trabalha sua realidade e seu contexto.

Então entre o massivo se apropriando do popular e o popular buscando caminhos não-hegemônicos para difundir e circular a informação através dos grupos marginalizados, temos uma ampla variedade de expressões sendo pesquisadas na atualidade e que vão muito além de uma interpretação limitada do folclore tradicional, como por exemplo são as festas, danças, artesanato...

MS: Em seu “DNA”, a Folkcomunicação tem uma proximidade com a ação popular, com uma práxis. Poderia citar alguns casos onde a Folkcomunicação expande o conceito de pesquisa e leva a Universidade mais além de seus muros?

MPO: Com certeza! Vou começar citando o trabalho do professor Luiz Custódio da Silva com seu, seminário dos Festejos Juninos promovido na Universidade Estadual da Paraíba, no qual se propõe que os pesquisadores observem esta festa tão relevante para a cultura nordestina não apenas pelo exótico, mas enquanto vivência e significado para todos aqueles que fazem parte da festa. Como componente do projeto, grupos de alunos produzem um jornal do evento e visitam a zona rural de Campina Grande. Usando a “folk” como base teórica, os estudantes se aproximam desta classe rural mais pobre, em contraposição àquela ideia do “ruralista”,

o grande proprietário de terras. São em sua grande maioria comunidades alijadas do processo político, econômico e social e com o trabalho de campo da Folkcomunicação busca-se dar voz a estas pessoas antes invisíveis.

Outra ação é o que o Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da Universidade Federal Rural do Pernambuco tem feito, através de diversas pesquisas que contemplam a cultura popular, associada aos fluxos comunicativos como uma ferramenta de desenvolvimento, capaz de prover o meio de subsistência e renda para as populações do chamado “rurbano” (a confluência entre o rural e o urbano), frequentemente em situações de fragilidade.

Também gostaria de mencionar uma ação mais antiga, meu trabalho de doutorado com artistas populares. A interação da pesquisa proporcionou aos sujeitos da pesquisa um novo sentimento de importância, de pertencimento à comunidade. Hoje eles conhecem seu papel de protagonistas e não se consideram meros “objetos” de uma pesquisa a cujos resultados sequer terão acesso, pelo contrário. Eles sua têm história, sua tradição, sua maneira de pensar, desenvolvem afetividade com aquilo que fazem. Por isso na terminologia da Folkcomunicação são chamados de “agentes”. É isso que os trabalhos de Folkcomunicação realizam, ao criarem um diálogo respeitoso com os agentes culturais populares. Nós, pesquisadores, damos a eles a noção de que não são elementos passivos, mas sujeitos ativos do processo e com eles também aprendemos.

Esta orientação de pesquisa voltada a uma práxis, para utilizar o termo que você utilizou na pergunta, promove o conceito de “ativista folkmediático”, como bem o definiu Osvaldo Trigueiro: aquele que utiliza as suas ferramentas, oriundas da cultura popular para se afirmar e afirmar sua comunidade dentro da globalização.

Finalmente, esta atividade de campo que frequentemente une a pesquisa e a extensão descobre toda uma outra realidade que o mundo capitalista não abarca, pois estas comunidades se organizam de maneira distinta.

MS: Alguns pesquisadores da Folkcomunicação têm aproximado esta teoria das chamadas “epistemologias do Sul”, dos debates decoloniais. Como se dá esta relação, em seu entender?

MPO: Para mim esta questão está numa relação estreita com o pensamento de Beltrão, que estudou os fenômenos comunicacionais populares no interior do Brasil e percebeu que eles possuem uma dinâmica própria e que em muitos momentos criam movimentos contra-hegemônicos. O pensamento decolonial também parte dessa premissa, a de existir uma forma de pensar própria da cultura das ex-colônias, que na modernidade está cada vez mais ativa e presente. Há hoje um movimento por maior autonomia e reconhecimento da diversidade cultural que existe nas Américas com suas Culturas Híbridas, como diria Nestor Canclini.

Particularmente, a Revista Internacional de Folkcomunicação – RIF – tem publicado muitos textos sobre o pensamento decolonial. Os autores escrevem textos muito interessantes, baseados nessa teoria e dialogam com a Folkcomunicação de maneira bastante natural, o que deixa evidente que a própria Folkcomunicação é uma teoria que compõe a corrente decolonial.

MS: Até o momento traçamos um panorama da Folkcomunicação, de forma geral. Mas agora, entrando na temática proposta neste ciclo de “lives” realizado pela INTERCOM: em relação à pandemia do Covid-19, como você observa as manifestações da comunicação popular na disseminação de informações?

MPO: O isolamento social tem impedido que exista uma maior circulação da comunicação popular, mas as redes sociais digitais estão atendendo essa demanda. Temos o exemplo da prefeitura de Salvador, que utilizando uma linguagem popular, com a expressão “se pique no Corona”, significando “vai embora”, busca estabelecer uma conexão com o receptor.

Voltando ao Bode Gaiato e aos “memes” em geral, o humor popular estabelece uma interpretação da cultura, satirizando, ironizando, forma de crítica, mais contundente que a própria realidade nossos dilemas da pandemia. E aqui destaco, a capacidade de rir do absurdo revela nossa capacidade de entender o absurdo e de nos colocarmos, enquanto sociedade, diante deste desafio, de contextualizar a tragédia.

Mas estas manifestações não ocorrem somente nas redes digitais, elas estão nas ruas. Aqui na Bahia, por exemplo, os vendedores ambulantes agem como disseminadores, ao utilizar máscaras e álcool em gel e falam sobre a Covid-19 com seus clientes.

MS: Uma das bases da Folkcomunicação é o “two-step flow of communication”, que coloca um intermediário nos fluxos de comunicação, o líder de opinião. Mais tarde Trigueiro criou o conceito de ativismo midiático. Nestes debates sobre a pandemia, podemos observar a presença destas figuras?

MPO: Penso que sim, pois, apesar dos meios de comunicação de massa, em especial o rádio e a televisão terem assumido uma posição de protagonismo com relação à doença, haja vista a atenção que todos os gestores têm dado para a mídia, na intenção de manter a população informada, ainda assim o líder de opinião ou o intérprete das camadas populares é importante. As informações estão confusas, em diversos momentos. Veja como exemplo o auxílio emergencial, em que muitas pessoas não conseguem receber e outras recebem sem nenhum esforço.

Já a falta de clareza em relação aos números de infectados e mortos não estabelece uma confiança sobre os dados divulgados. Nessa ocasião as pessoas voltam a confiar naquelas pessoas próximas e que são detentoras de um maior conhecimento dentro do grupo, seja por sua atividade social, seja por sua capacidade de interpretar o que os veículos de comunicação de massa apresentam como informação.

Portanto nesta situação em que precisamos extrapolar nossos referenciais, pois nos encontramos numa realidade totalmente diferente da que estávamos acostumados vemos os grandes meios de comunicação na dianteira, mas também vemos esta “pessoa do meio”, que “faz a ponte”. Percebo isso quando saio à rua para fazer o essencial, quando noto estes personagens que filtram as informações e fazem seus pares questionar e falar sobre a crise. Importante notar que um líder de opinião não necessariamente é um líder ungido, a quem foi atribuído este papel. Geralmente são pessoas com capacidade natural de interpretar o mundo e que circulam por sua comunidade.

Em relação a este último ponto, tenho observado os motoristas de aplicativos assumindo o papel do ativismo midiático, pois eles se movem não apenas através dos estratos sociais, mas também pela geografia urbana, recolhendo os mais variados tipos de opiniões e acontecimentos, para logo reinterpretá-los.

MS: Diante de todas polêmicas causadas pelos efeitos do vírus – não somente no Brasil, mas em todo mundo, ficou evidenciado que ciência e pesquisa nunca são neutras, mas estão sujeitas a um debate político. Como a inserção deste elemento – o político – foi vivenciado nas manifestações folkcomunicaçãois?

Este é um aspecto crucial de nossa vida e como acadêmicos somos também seres políticos. Não podemos

esquecer nossos vieses, muito menos deixar de ter um posicionamento crítico.

O que a pandemia revelou, ainda mais duramente, é a imensa desigualdade econômica e social do país, imerso numa crise sanitária, numa crise política e numa crise econômica, esta última se arrastando há mais de 25 anos. Nos governos recentes, todas as “bolsas” implementadas, apesar de seu impacto, foram somente maneiras de atenuar estas desigualdades e de uma educação com problemas evidentes. Temos um sistema de saúde precária e qualquer espantamento com as dimensões da crise da pandemia seria hipocrisia, pois já vivíamos com isto.

Agora, tomando a intervenção de Betania Maciel no bate-papo, também precisamos levar em conta a interseccionalidade, ou seja, uma escala das desigualdades. Se elas são evidentes em alguns momentos, em outros são invisibilizadas. A mulher pobre e negra seria a mais prejudicada neste sistema, precisando vencer mais barreiras de exclusão e de preconceito. Na pandemia vimos episódios de precarização do trabalho e até um ponto, de escravagismo, conforme este segmento marginalizado fica mais sensibilizado e vulnerável.

Voltando à Folkcomunicação, além da pesquisa de campo, precisamos trabalhar com a perspectiva de que a cultura popular é muito rica. Ao interpretarmos esta cultura com as ferramentas metodológicas e com o auxílio dos teóricos, estamos justamente entendendo como estas desigualdades estão vivas nas comunidades periféricas, como elas não são apenas um ensaio ficcional. Tudo isto é relatado, é observado junto aos sujeitos, auxiliando-nos a construir um tipo de conhecimento que muitas vezes é negado pelas correntes dominantes.

E isto nos traz ao negacionismo. Queria lembrar aqui um estudo do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, irmão do cartunista Henfil. Realizado na década de 1980 nas favelas

do Rio de Janeiro, quando o governo Brizola iniciou um desmonte das pequenas estruturas de assistência para dar vazão a um projeto megalomaniaco de centros integrados, os chamados “brizolões”. A saída do governo do morro deu espaço a outro tipo de poder, que é a figura do traficante de drogas e que traria problemas no futuro, como diagnosticou Betinho. Apesar da integração de hospital, escola, centro de lazer, tudo concentrado num local, com redução de custos, o resultado desta política foi a perda de capilaridade do Estado, abrindo espaço para outros agentes tomarem conta. Betinho avisou, “vai dar problema” e hoje percebemos a situação no Rio de Janeiro, no que concerne a guerra entre tráfico de drogas, população e Estado. Este é um exemplo de pesquisa social aplicada, de pesquisa de campo que dialoga com as comunidades, entendendo como elas se comunicam, como elas se percebem e como elas percebem o mundo.

Então agora a Folkcomunicação vai se embrenhar nos fluxos comunicacionais destes grupos marginalizados, entendendo as ferramentas que eles utilizam, sejam celulares, sejam grafites e murais, e de que maneira estas causas lhes tocam. Na crise de saúde, as informações que são veiculadas oficialmente não equivalem à leitura que diferentes públicos fazem. Logicamente aquela dos segmentos populares não é a mesma que uma classe média faz, que um empresário faz. E isto tem repercussões em como elas se apropriam desta leitura para tomar decisões no cotidiano.

Mas o governo fecha os olhos para as Ciências Humanas e neste momento fecha para todas as ciências, incluindo as biológicas e médicas, contemplando uma salvação milagrosa, descartando a pesquisa científica séria.

MS: Recorrendo a Boaventura de Souza Santos, em sua Cruel Pedagogia do Vírus, não seriam crises separadas O fato de que o mundo vive uma crise permanente, sustentada pelo sistema capitalista. De fato, antes da pandemia tivemos

protestos violentos no Chile, Equador e outros países. Como a Folkcomunicação se encaixa no panorama comunicacional, no qual os meios de comunicação de massa passam a ser questionados e desacreditados?

MPO: O maior problema está mesmo na confiança da informação, e o ser humano tem uma tendência, como estudou Luiz Beltrão, a preferir acreditar em uma pessoa próxima de sua convivência a acreditar em grandes conglomerados de mídia.

Um fenômeno recorrente nos últimos tempos são as “fake news”, as notícias falsas, elas se disseminam por conta de que alguém recebe uma mensagem ou informação de alguém em quem confia e acredita que a notícia é verdadeira e a espalha para outras pessoas. Com isso a cadeia se alastra, pois ao receber a mensagem de alguém em quem confiamos, a busca por confirmação cai a quase zero e logo acreditamos naquela notícia sem fundamentação na verdade.

Ao longo do tempo, e em especial na América Latina, onde os regimes de exceção dominaram os meios de comunicação e muitos dos veículos que fizeram a transição para os tempos democráticos mantiveram a mácula de apoio a regimes ditatoriais, ainda que por questão de sobrevivência, e por isso ganharam uma aura de desconfiança por parte do público. Aqui no Brasil, a maior “vilã” é a Rede Globo, que notadamente faz uma cobertura tendenciosa e em alguns momentos apocalíptica. Não que a pandemia e seus efeitos não sejam nefastos.

Ontem o número de mortos ultrapassou 39 mil vidas. São 39 mil pessoas que tiveram suas vidas interrompidas, famílias que perderam pessoas queridas e importantes. Nós mesmos perdemos pessoas queridas para esse vírus. Há o medo instalado e a informação é a melhor ferramenta contra o pânico e para nutrir a esperança de que dias melhores virão.

Mas como resgatar a credibilidade, se no centro de toda informação está uma batalha política escancarada, aqui no Brasil? O presidente fala na corrida eleitoral de 2022, em meio a uma pandemia! Governadores antagonizam o poder central e as pessoas, nós, cidadãos não temos voz e nem vez nessa disputa. Ficamos reféns de medidas, que ora são adequadas, e ora se mostram temerárias. O que fazer? Como resistir? Nesse momento o papel da Comunicação, e da Folkcomunicação especificamente, fazem-se mais importantes por mostrarem que nós seguimos sendo seres comunicacionais e que precisamos da informação confiável para seguirmos vivendo.

MS: Outro ponto que a pandemia tem levantado é a exclusão. Por exemplo a educacional, conforme se coloca um ensino remoto emergencial que se baseia fortemente em tecnologias da informação e comunicação – que as classes menos favorecidas não possuem. Como a Folkcomunicação se insere neste contexto?

MPO: Osvaldo Trigueiro já relatou que, mesmo precariamente, os ativistas folkmediáticos, estão se munindo das ferramentas digitais e com isso muitos já estão incluídos nas novas tecnologias. Mas os dados sobre a inclusão digital apontam para um grande vazio informacional. No Brasil temos, segundo dados da agência Reuters de 2018, 40% da população que não possui acesso à Internet. Para deixar mais claro, se somos 210 milhões de pessoas no Brasil, são 84 milhões de pessoas fora da rede. Esse número representa mais que a população de todos os estados do Nordeste e Norte juntos. É o dobro da população do estado de São Paulo. Não é um número inexpressivo como muitas ações e propagandas nos fazem pensar.

Agora, um paradoxo dos números é que existem, segundo a Anatel, dados de abril de 2020, mais de 226 milhões de celulares ativos no Brasil. Isso dá pouco mais de um celular por habitante. Mas esses números não contam

quantas pessoas possuem mais de um celular. De toda maneira é a partir desse número que parte a falsa noção de que todos os brasileiros estão conectados, pois haveria pelo menos um celular por habitante.

Assim, existe uma falsa impressão, por parte de nós, classe média, de que há uma boa inclusão digital e de que as ferramentas digitais de home-office, delivery e compras online são fáceis e democráticas. Mas não são.

Um exemplo nesta questão de cobertura da rede é a própria Ilhéus, cidade do interior baiano, embora litorânea. O campus onde trabalho é mais afastado, na zona rural e ali muitas operadoras sequer proporcionam o sinal telefônico. Também é o caso de alunos que moram em comunidades quilombolas, bastante isolados, alunos que relatam não conseguir utilizar mensagens de texto (SMS), muito menos Whatsapp. Aqui não se trata de uma questão do usuário e da tecnologia, mas da falta de estrutura. Em comparação com grandes cidades, onde a cobertura é praticamente universal, temos uma diferença que em minha opinião remete ao capitalismo e aos excluídos ou marginalizados que ele cria.

Dito isso, a Folkcomunicação também utiliza um elenco de autores para realizar análises em conjunto, com aportes teóricos de outras disciplinas. Dessa forma, o estudo de Raymond Williams mostra como a televisão se desenvolve nas grandes cidades, onde há condições tecnológicas e estruturais para atender um maior número de espectadores, enquanto o rural se faz distante e inacessível.

Mas para que essa verdade seja melhor compreendida é que os estudos da Folkcomunicação se fazem úteis. É no conhecimento da realidade comunicacional das comunidades periféricas que reside a percepção de que as desigualdades sociais e econômicas se mantêm apesar da evolução tecnológica.

MS: Também temos a questão do preconceito racial, levando a manifestações em vários países, a partir da violência policial e da morte de George Floyd. Como a Folkcomunicação pode ser utilizada para compreender este fenômeno, profundamente ligado aos “excluídos”?

MPO: Penso que a Folkcomunicação pode ser uma ferramenta para vencer os preconceitos, em especial às diferenciações arbitrárias das camadas de cultura. Muitas vezes as pessoas têm a tendência de só respeitarem e entenderem aquilo que faz parte de seu círculo, de sua história e formação. Isto é, nós só percebemos e damos valor para aquilo que nos é familiar.

Recordo aqui os cursos de educomunicação que ministrava a professoras do Ensino Básico. Elas falavam dos alunos como se tivessem medo, como se falassem de um inimigo. E aqui temos que reconhecer que na educação brasileira temos uma classe média ensinando uma classe baixa. Na visão destas professoras, por que elas dariam munição para que este inimigo chegasse onde elas estão? E neste ponto gostaria citar Gramsci e o conceito do intelectual orgânico, aquele intelectual autogestado dentro da própria comunidade. Como hoje fazem as comunidades indígenas, cujos membros vão para as escolas e faculdades para logo voltarem e melhorá-las por dentro. Sempre que há uma pessoa olhando de forma preconceituosa para aquela comunidade está se criando um problema maior.

Já em relação às quotas, e respondendo ao comentário da colega Suely Maux, estas precisam ser aplicadas com muito cuidado e critério. Mesmo se configurando como reparação histórica, vejo na própria universidade situações de preconceito interno entre os alunos e a realização de bullying contra os cotistas. Detecto isso nas disciplinas de tecnologia que leciono, onde meu maior enfrentamento é esta desigualdade tecnológica, geralmente associada à classe econômica.

Por isso, ao estudar a Folkcomunicação temos que nos “vestir da humildade” e como Paulo Freire disse, aprender com o conhecimento do outro. A Folkcomunicação, na minha percepção é essa ponte de respeito, afeto e compreensão de que, apesar de diferente, o outro é semelhante e muitas vezes igual a nós em muitas coisas.

O preconceito é justamente uma carapaça que muitas pessoas vestem para não compreender as diferenças e enxergar nelas as semelhanças. O pior preconceito que ainda vivemos é o racial, em que ainda temos manifestações de agressão a jovens negros, moradores de favelas e da periferia.

Aqui podemos destacar fenômenos novos e antigos de demonstração de preconceito no Brasil, pois não estamos imunes. Um deles foi no ano passado a corrente de ódio e perseguição que sofreu a jovem jornalista Maju Coutinho da Rede Globo, que com competência e serenidade enfrentou agressões e se afirmou como apresentadora de um telejornal nacional. Um caso mais recente envolve o menino João Pedro no Rio de Janeiro e, há poucas semanas, o acidente fatal e cruel que fez vítima o menino Miguel, na cidade do Recife. As manifestações após todos esses episódios estão ligadas aos excluídos, sujeitos e objetos das pesquisas de Folkcomunicação e à Comunicação dos Excluídos, como definiu Beltrão.

Finalmente, em nossa modernidade, o “hoje” colide com o “ontem”. Festas tradicionais possuem forte cunho exclusivo e preconceituoso e o próprio Carnaval teve altos e baixos de modelos elitistas, com bailes em clube, festas apenas para poucos associados ou para aqueles capazes de comprar um ingresso, até os modelos mais populares. Os preconceitos estão vivos e somente vão deixar de existir quando enxergamos o outro como um semelhante.

MS: Estamos falando de participação, de acesso, de representação democrática. Contudo, a China, onde o vírus surgiu, foi extremamente hábil em conter sua disseminação,

tomando medidas autoritárias e centralizadoras. Ou dito de outra forma, os processos democráticos seriam menos eficazes nestas situações de crises extremas?

MPO: Não penso assim. O que acontece na China é um episódio envolto em muita polêmica, e que sempre esbarra em questões mais profundas de políticas externas, guerras econômicas e eixos de influência das potências mundiais. Não sou um profundo conhecedor de política externa, sou um pesquisador das minorias e de comunidades carentes, que não tem acesso à Internet, acesso à educação de qualidade e muitas vezes nem à saúde e condições higiênicas básicas. Portanto o que aconteceu na China, chegou ao Brasil pelo filtro das redes de comunicação internacionais e nacionais, não pode ser considerado ao pé da letra. De fato, o vírus ficou restrito só a uma província? E o resto do país? Ficou imune? Porque não há notícias sobre o restante da China? Se o vírus foi contido por lá, como ele se espalhou tão rapidamente para o restante do planeta?

MS: Voltando a Boaventura de Souza Santos, este pensador defende que diante deste paradoxo precisaremos imaginar soluções democráticas, participativas, no âmbito de comunidades e da educação cívica, com valores de solidariedade e cooperação. Tem uma “cara” de Folkcomunicação; como a pesquisa e a prática neste campo poderão contribuir?

MPO: Boaventura de Souza Santos é um autor que muitos colegas da Folkcomunicação recorrem para ampliar o espectro da pesquisa em Folkcomunicação. Creio que ao conhecermos as dinâmicas sociais e culturais das comunidades periféricas e carentes, conhecemos uma outra lógica dentro do sistema capitalista, na qual a democracia é vivida de uma forma mais intuitiva, na qual o respeito ao outro é a tônica das relações sociais. A busca pela convivência harmoniosa entre as divergências e, em especial, o conhecimento de que o bem comum é muito maior do que o bem individual. A

Folkcomunicação mostra isso em todas as suas pesquisas com as comunidades excluídas ou marginalizadas.

Michel de Certeau, em seu livro *A Invenção do Cotidiano* fala sobre as relações invisíveis na periferia e que o Estado com sua estrutura voltada para as classes hegemônicas e muitas vezes opressoras não percebe. A Folkcomunicação com sua pesquisa olha diretamente para esses “invisíveis” e tenta dar-lhes visibilidade. Essa semana o nosso Ministro da Economia Paulo Guedes falou do surgimento de 38 milhões de brasileiros que não existiam na base de dados do governo. Não estavam visíveis. Não há uma categoria para eles. A Folkcomunicação fala deles todos os dias. Mas nós também somos muitas vezes invisibilizados.

Agora, também precisamos ter em conta outro fenômeno. Canclini, em *Consumidores e Cidadãos*, destaca aquelas pessoas que optaram por ser meramente consumidores, não estando preocupados com direitos políticos, com liderança ou mesmo com sua capacidade de opinar sobre a vida coletiva. Para elas, emprego e comida na mesa seriam suficientes para uma existência tranquila. Isto se faz mais nítido em países onde há a opção do voto, com indivíduos delegando suas vidas a um governo que tome decisões por elas. A democracia é muito cansativa para certas pessoas!

MS: Relacionado ao ponto da exclusão, a pandemia tem colocado em questão o modelo neoliberal, uma vez que o Estado assumiu um grande número de funções, o único capaz de dar respostas de amplo alcance. Ao mesmo tempo, um sentimento de solidariedade e apoio mútuo tem florescido. Teremos uma “nova sociedade”, quando a pandemia acabar? Uma sociedade mais folkcomunicacional, por assim dizer?

MPO: Não estou muito otimista com relação ao futuro, pois as ações, na minha opinião, em todas as esferas da gestão do Estado, foram demoradas e muitas vezes conflitantes. O modelo de organização política partidária e antagonista que o país vive nos últimos anos, e que foi acirrada pela última

eleição presidencial abriu muitas feridas e a crise sanitária só as escancarou. Os antagonismos entre os poderes da República, deixam a nossa democracia bastante enfraquecida. Nós, o povo, que no ideal democrático, somos aqueles que delegam o poder e devem ser o único foco e objetivo de atenção dos poderes constituídos ficamos reféns de uma situação insana. Na qual pela manhã havia uma informação, logo desmentida pela tarde, para a noite termos uma terceira versão. Assistimos perplexos falas divergentes e pouco convincentes de gestores e supostos líderes de governo, que eram desmentidas e muitas vezes ironizadas por outros líderes. Vimos ministros serem demitidos ou se demitirem em meio a uma confusão generalizada.

Também vimos o que aconteceu com outros países ao redor do planeta. Os Estados Unidos, que é a vitrine da democracia também teve seu momento de estado autocrático. A Nova Zelândia, que está sendo elogiada por ter zerado os casos da Covid-19 em seu território também tomou medidas radicais em que os cidadãos só fizeram seguir as regras impostas. Será que uma situação de crise da dimensão dessa pandemia tem espaço para a democracia? Ou será que nessa hora é que se espera daqueles que forem escolhidos pelo voto popular para nos guiar que assumam a responsabilidade a eles dada e nos tirem da confusão da melhor maneira possível?

Para mim, assim como uma vez me disse Renato Ortiz na ocasião dos protestos e jornadas de 2013, pensava-se que após a tomada das ruas por uma juventude “pilhada”, com vontade de mudar, que bradava “o gigante acordou”, haveria envolvimento e participação. Mas com seu grande conhecimento sociológico, Ortiz previu, “não vai acontecer nada” e logo todos voltaram a suas casas e seguiram com suas vidas. Eu também penso assim. O “novo normal”, será por um curto tempo, depois vamos nos esquecer das máscaras e de lavar as mãos. Vamos adotar o lema da influencer Gabriela Pugliesi, uma das primeiras infectadas pelo vírus em nosso país, mas que tempos depois decretou:

“vamos viver o agora, por que o amanhã não interessa!”. O Covid-19 seguirá fazendo suas vítimas ocasionalmente, como são as outras doenças com as quais convivemos, e vamos voltar a fazer festas, andar de trem, metrô e ônibus lotados. Vamos nos beijar e nos abraçar. Vamos seguir enfileirados nos hospitais aguardando atendimento.

Tenho idade suficiente para ter vivido os primeiros momentos da AIDS no Brasil, com um grande medo da contaminação e pessoas morrendo diariamente. Hoje a AIDS parece controlada, já não se discute o número de mortes, nem temos o sentimento de medo. Tenho alunos que não se protegem sexualmente, não consideram esta preocupação pertinente, apesar de contraírem doenças e “engravidarem”. O pico da AIDS foi em nossa geração e por isso penso em relação ao coronavírus que haverá uma hora em que a coisa vai se normalizar e a gente vai voltar e vai se esquecer.

Enfim, não penso que essa crise mudará tanto o ser humano. Pois o que estamos vendo, são ações de desrespeito ao isolamento social, diariamente pessoas se aglomerando em filas nos bancos para buscar o auxílio emergencial. Pessoas irresponsáveis fazendo festas e divulgando em redes sociais. Lembrem do episódio do final de semana passado da médica que foi agredida no Rio de Janeiro por festeiros em um bairro nobre. O maior problema, na minha opinião, e me desculpo com os mais otimistas, é que o ser humano prossegue a ser um animal individualista e mesquinho.

Mas para não acabar essa minha fala em um tom pessimista, penso que se ensinássemos aos nossos estudantes e jovens os conceitos da Folkcomunicação e se eles fizessem pelo menos uma pesquisa de campo com a Folkcomunicação, eles poderiam enxergar os invisíveis sociais que agora apareceram nas filas dos bancos. Eles veriam a beleza que existe nas manifestações de cultura popular e poderiam abandonar um pouco do ranço classe média que nos cerca e persegue.